

LINGUASAGEM

QUE LÍNGUA É ESSA? UM OLHAR DISCURSIVO PARA A NOÇÃO DE INTERLÍNGUA

Michele Teixeira PASSINI¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo revistar a noção de *Interlíngua* proposta pelo teórico Larry Selinker em 1972, com o intuito de observá-la por uma ótica discursiva. Para o referido autor, a interlíngua é constituída como um sistema linguístico híbrido, contendo elementos tanto da língua materna do aprendiz, quanto da língua estrangeira. Interessa-nos especialmente a noção de *estruturas fossilizáveis*, as quais do ponto de vista discursivo podem ser vistas como vestígios deixados pelo sujeito reveladores dos movimentos subjetivos percorridos nesse espaço de trânsito entre as duas línguas. Trazemos, ainda, cinco excertos obtidos a partir da produção linguística de alunos de língua inglesa, com o intuito de lançar nosso gesto de interpretação frente à tal fato que nos reclama sentido. Concluímos que o ponto central que nos permite pensar a noção de Interlíngua por um viés discursivo, encontra-se na relação de ordem constitutiva entre sujeito e língua(gem), deslocando, desse modo, a concepção de que a língua seria um mero instrumento de comunicação passível de ser apropriada pelo sujeito.

Palavras-chave: Língua materna. Língua estrangeira. Interlíngua. Análise do Discurso.

ABSTRACT

This paper aims at revisiting the notion of Interlanguage, proposed by Larry Selinker in 1972, to observe it through a discursive perspective. According to the author, the interlanguage refers to a hybrid linguistic system, which contains elements from the learner's native language as well as from the foreign language. We are specially interested in the notion of Fossilized structures, which from a discursive point of view, may be seen as leads left by the subject that are revealing of the movements taken by

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: michele.at@gmail.com

the subject in this space of transit between the two languages. Then, we present five excerpts taken from the linguistic production of English learners, aiming to produce our gesture of interpretation in front of the facts we consider that which are claiming for meaning. In conclusion, we propose that the central point, which allows us to think about the notion of Interlanguage through a discursive perspective, lies on the constitutive relation between subject and language, that relocates as a result the concept that language would be a mere instrument of communication which could be taken over by the subject.

Keywords: Mother tongue. Foreign language. Interlanguage. Discourse Analysis.

PRIMEIRAS PALAVRAS

A relação entre um sujeito e uma língua pode ser vista de diferentes formas de acordo com as lentes com as quais a observamos. No âmbito de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, há uma tendência a se pensar tal relação de um ponto de vista que busca compreender os fatores que entram em jogo quando um sujeito é convidado a transitar no universo simbólico constituído por uma outra língua que lhe passa de estranha a familiar.

Na reflexão que ora apresentamos, nos propomos a pensar essa relação de um ponto de vista discursivo, a partir do qual sujeito e linguagem possuem um elo de ordem constitutiva, não havendo, desse modo, sujeito fora da linguagem. Disso decorre que o encontro de um sujeito com uma língua estrangeira representa uma espécie de desarranjo nas bases fundamentais que lhe permitem dar sentido à ordem simbólica que tem diante de si. Assim, nos parece evidente que o sujeito-aprendiz de uma língua estrangeira, ao longo desse processo, manifesta por meio de sua produção oral e escrita o que poderíamos chamar de marcas de resistência que deflagram esse movimento subjetivo entre-línguas.

Portanto, se tomamos como ponto de partida a produção linguística de alunos de uma língua estrangeira ao longo de seu processo de aprendizagem, é possível dar um passo em direção a compreensão desse complexo fenômeno, que coloca o sujeito numa posição intermediária entre duas línguas. Desse ponto de vista, o que poderia ser visto como um erro cometido pelo aprendiz, passa a ser interpretado como um indício dos caminhos percorridos pelo sujeito ao tentar tornar significativa uma materialidade que lhe é estrangeira, cujos sentidos ainda lhe parecem desprovidos de historicidade. É neste ponto que a noção de interlíngua nos parece interessante, pois a publicação original de Larry Selinker seja relativamente antiga, de 1972, o trabalho realizado pelo

autor dedica-se a pensar como esse pontos irregulares marcados na linearidade da produção linguística do aprendiz podem ser mais que simples erros, na medida que representam dados relevantes para compreender o processo de aquisição de uma língua estrangeira. Assim, embora Selinker sustente-se em outra linha teórica, a noção de interlíngua traz à baila a existência de um conflito do sujeito entre duas línguas que lhe afetam de forma diferente, uma prova de que a língua não é um mero instrumento de comunicação para o sujeito, da mesma forma que os sentidos em uma língua e outra não são equivalentes, pois cada língua é marcada por uma discursividade distinta, fruto da maneira como é afetada pela história.

A noção de Interlíngua segundo Larry Selinker

A noção de interlíngua foi primeiramente discutida por Larry Selinker no ano de 1969. Contudo, foi em sua publicação de 1972 que o autor dedicou-se a discuti-la mais detalhadamente. Como sabemos, o final dos anos 1960 foram marcados por um repensar das bases epistemológicas até então arraigadas na Linguística estruturalista, a qual ocupara o posto de ciência piloto na área das Ciências Humanas (DOSSE, 2007)

Eram os escritos de Noam Chomsky, cujos encaminhamentos teóricos diferenciavam-se significativamente dos estruturalistas, que despertavam grande interesse dos estudiosos da área. Larry Selinker não foi exceção, e no referido artigo, intitulado *Interlanguage*, as referências ao trabalho do linguista norte-americano podem ser vistas tanto de maneira implícita quanto explícita.

Selinker (1972) inicia esclarecendo que seu objeto de análise, apesar de relacionar-se com língua estrangeira, não se presta a discutir questões de cunho pedagógico, isto é, relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras, pois pretende observar essencialmente a perspectiva do aprendiz de segunda língua. Parte, desse modo, de dados observáveis no evento de produção linguística de aprendizes de inglês como língua estrangeira² de diferentes nacionalidades, e, portanto, com diferentes línguas maternas, com vistas a melhor compreender como se dá o processo de aquisição dessa língua. Partindo do pressuposto de que existe uma estrutura latente presente no cérebro

² Neste trabalho, os termos língua estrangeira e segunda língua são tomados como sinônimos, tal qual o fez Larry Selinker no artigo *Interlanguage*, de 1972. Da mesma forma os termos aprendizagem e aquisição serão também tomados como sinônimos.

do falante, ativada no momento da produção de sentido, Selinker entende que é por meio da análise do que é empiricamente observável que se pode desenvolver construtos teóricos para explicar o funcionamento de tal estrutura. Assim, por meio da análise de marcas presentes nas frases produzidas pelo aprendiz seria possível se criar hipóteses sobre a estrutura interna, geradora em última instância desses enunciados.

Desse modo, a análise da produção linguística do aprendiz aconteceria tomando por referência, a um só tempo, a língua nativa do aprendiz e a língua que está sendo aprendida, isto é, a língua alvo. No caso em que se pudesse observar pontos não definidos de uma língua ou de outra, tais como elementos que não pertencessem nem ao sistema da língua materna do aprendiz, nem ao da língua-alvo, estaríamos diante da presença da Interlíngua.

This set of utterances for most learners of a second language is not identical to the hypothesized corresponding set of utterances which would have been produced by a native speaker of the TL had he attempted to express the same meaning as the learner. Since we can observe that these two sets of utterances are not identical, then in the making of constructs relevant to a theory of second-language learning, one would be completely justified in hypothesizing, perhaps even compelled to hypothesize, the existence of a separate linguistic system based on the observable output which results from a learner's attempted production of a TL norm. This linguistic system we will call 'interlanguage' (IL)³.” (SELINKER, 1972, p. 214)

De acordo com esse excerto, a Interlíngua deve ser entendida, portanto, como um conjunto de sentenças perceptíveis na produção linguística do aprendiz, que embora não sejam identificáveis como pertencentes a sua língua, também não coincidem com sentenças atribuídas hipoteticamente a um falante nativo da língua alvo. Percebemos, desta forma, que Selinker entende a Interlíngua como um sistema linguístico, e, embora considere sua relação com os outros dois sistemas linguísticos constitutivos neste processo – o da língua de partida e o da língua alvo – ele o concebe como um sistema próprio, dotado de certa autonomia e regularidade. Desse modo, o autor propõe que se observem certos itens linguísticos, regras e subsistemas que

³ “Para a maioria dos aprendizes de uma segunda língua, esse conjunto de sentenças não é idêntico ao conjunto de sentenças hipoteticamente correspondente aquele que teria sido produzido por um falante nativo da língua alvo ao tentar expressar o mesmo sentido que o aprendiz. Considerando que podemos observar que esses dois conjuntos de sentenças não são idênticos, então ao elaborar construtos relevantes para uma teoria de aprendizagem de segunda língua, seria completamente justificável hipotetizar a existência de um sistema linguístico separado, baseado nos elementos observáveis os quais resultam da tentativa de produção do aprendiz na língua-alvo. Esse sistema linguístico nós chamaremos ‘Interlíngua’ (IL).” Tradução nossa.

emergem no desempenho do aprendiz, denominados “estruturas fossilizáveis”, que devem ser analisadas tomando por base cinco processos centrais.

O primeiro deles, a *transferência linguística*, refere-se à presença de elementos da língua nativa no sistema da interlíngua. O segundo, é uma espécie de vestígio do processo de aprendizagem, e é chamado de *transferência de treinamento*. Já o terceiro e o quarto são relativos ao percurso feito pelo aprendiz tanto para entender a língua alvo, quanto para ser nela compreendido, e são denominados *Estratégias de aprendizagem de segunda língua* e *Estratégias de comunicação de segunda língua*. O último deles, referido como *Hipergeneralização*, baseia-se na tendência do aprendiz a tomar algumas regras como gerais e desconsiderando os casos nos quais há diferenças.

Chama-nos a atenção no percurso argumentativo traçado por Selinker sua inquietação ao constatar que essas estruturas fossilizáveis podem emergir inesperadamente, mesmo quando parecem terem sido erradicadas. Embora o autor apresente o que considera possíveis *condições suscetíveis* para o reaparecimento dessas estruturas – condições de ansiedade; desvio da atenção; falar sobre um assunto que não domina completamente –, ele deixa visível a existência de uma espécie de lacuna no que concerne a uma explicação dessas estruturas⁴.

Dito de outro modo, a Interlíngua, observada sobretudo pelas manifestações dessas estruturas fossilizáveis, pode ser definida como um sistema linguístico regular constituído por certos elementos que se relacionam tanto com a língua nativa do aprendiz, quanto com a língua-alvo. Trata-se, desse modo, de uma língua híbrida que guarda familiaridades com as duas outras línguas que entram em jogo no processo de aprendizagem desse sujeito.

Embora não existam discussões sobre concepções de língua ou de sujeito no referido artigo, podemos notar que a noção de sujeito subjacente às percepções de Selinker aproxima-se daquela de um sujeito ideal, tal qual apresentado nas teorizações de Chomsky, já que faz referência à linguagem em seu aspecto biológico. O caminho para aprender uma segunda língua estaria relacionado à ativação da estrutura latente psicológica do sujeito, e o ponto de chegada esperado seria o desempenho linguístico idêntico ao de um falante nativo naquela língua, observado em sua produção nessa outra língua.

⁴ Destacamos do texto a expressão “strangely enough” utilizada pelo autor ao problematizar essa questão, que parece perturbar sua linha de argumentação.

Neste contexto, entende-se que o sujeito possui o aparato biológico necessário para adquirir uma língua, a qual é passível de ser por ele apre(e)ndida diante de circunstâncias ideais⁵. Em outras palavras, o que está em jogo aqui é a capacidade do sujeito em adquirir os parâmetros específicos de uma língua, sustentado pelos princípios universais, os quais são inatos da espécie humana. Parece-nos razoável pressupor que o principal objetivo de Selinker ao problematizar essas estruturas fossilizáveis era o de aprofundar sua compreensão a respeito da estrutura latente que assegura a parametrização de um sistema linguístico. Dessa forma, questões relativas aos motivos de insucesso dos aprendizes não cabem no quadro de interesse do pesquisador.

Sujeito e língua na perspectiva discursiva: um elo indissolúvel

Embora a aprendizagem de língua estrangeira seja objeto de interesse nos estudos da linguagem há muito tempo, foi com o estabelecimento da globalização que o seu ensino passou a ganhar maior atenção. Como sabemos, a busca por métodos e técnicas capazes de assegurar a aprendizagem da língua de forma rápida e efetiva cresce incessantemente, e dentre as consequências desse processo, observamos a língua muitas vezes tratada como um bem passível de ser comercializado, coerente com as práticas do mundo capitalista.

Entretanto, as taxas de insucesso de alunos de língua estrangeira permanecem altas e as explicações desse fenômeno um tanto complexas. Diante de professores qualificados, recursos didáticos de alta tecnologia e alunos ansiosos para aprender essa língua que significará um avanço em suas carreiras, o motivo da falta de sucesso nesse âmbito permanece um tanto misterioso. Nossa interpretação desse fenômeno tem como ponto central compreender dois elementos se relacionam: sujeito e língua. É justamente a partir desses dois conceitos que poderemos entender a complexidade da aprendizagem de uma segunda língua, e também dar um passo em direção ao nosso objetivo aqui, que é o de lançar um gesto de interpretação da noção de interlíngua pelo viés discursivo.

⁵ Salvo casos de alterações cognitivas.

Distinguindo-se de perspectivas teóricas que tratam a língua como um conjunto de elementos a ser dominado pelo sujeito, na perspectiva discursiva entendemos que a laço que une sujeito e língua(gem) é constitutivo, ou seja, só há sujeito *na e pela* linguagem. É pela ordem do simbólico que o sujeito significa a si próprio e ao mundo a sua volta. Nesse sentido, é no arcabouço teórico da psicanálise que a análise do discurso encontrará sustentação para desenvolver a noção de sujeito, conforme ressalta Maria Cristina Leandro Ferreira (2007, p. 102) “a concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso”.

O sujeito é, desse modo, um “efeito do significante”. É, portanto, preso à trama dos significantes que o indivíduo toma a palavra para se dizer como sujeito, e tal fato implica a impossibilidade de pensá-lo fora da língua(gem). Sua língua não é um simples instrumento de comunicação, já que, muito mais que isso, é a própria condição de ser sujeito. Dada a importância que a língua tem para o sujeito, e em especial essa trama de significantes que o tece, chega o momento de indagarmos: o que se passa no encontro do sujeito com uma outra língua a partir da qual deve se dizer, isto é, com um novo universo de significantes? Será possível pressupor que língua materna e língua estrangeira possam afetar o sujeito de forma equivalente?

Sem a pretensão de oferecer respostas definitivas a essas perguntas, acreditamos que questionamentos como esses nos encaminham para uma reflexão produtiva desse processo do sujeito entre-línguas.

Para a pesquisadora Christine Revuz (1998) não é possível pressupor que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira guarde semelhanças com o da língua materna, pois elas pertencem a ordens distintas. A autora ressalta que o contato com uma língua outra afeta de forma ímpar o sujeito:

Que haja somente uma palavra em russo para dizer braço e perna, que o sol seja feminino em alemão, que os ingleses digam ‘eu sou frio’ e os russos ‘a mim, 25 anos’, é desconcertante, e muitos são os que ficarão fiéis a suas faltas de gênero ou de sintaxe antes de adotar uma outra maneira de ver as coisas. O que se estilhaça no contato com uma língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação de palavra à coisa. Pela intermediação da língua estrangeira se esboça o descolamento do real e da língua. O arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exultação...ou no desânimo” (1998 p.223).

As palavras da autora demonstram que o contato com uma língua estrangeira não apenas desconforta o sujeito, tirando-o do “universo logicamente estabilizado” (PÊCHEUX, 2012) dos sentidos, presente em sua língua materna, como também, de certa forma, o coloca diante de outras formas de dizer o mundo, quebrando a ilusão de centralidade desse sujeito. Chama-nos a atenção ainda, a tentativa de tradução termo a termo de que fala a autora, pois permite deflagrar um retorno à língua materna, atestando sua posição de referência para o sujeito.

O crítico literário búlgaro Tzvetan Todorov deixou sua cidade natal Sofia, para estudar na França no ano de 1963. Após 18 anos residindo em Paris, ele relata sentir-se confortável em ambas as línguas, mas, ao ser convidado a falar sobre o valor do nacionalismo em sua cidade de origem, percebe-se diante de um desafio aparentemente linguístico, mas que toca, de fato, em questões subjetivas e identitárias:

J'écrivais cela sans hésitation. Les difficultés ont surgi au moment où je commençai à traduire mon exposé, écrit originellement dans ma langue d'emprunt, le français, en bulgare, ma langue d'origine. Ce n'était pas tellement une question de vocabulaire ou de syntaxe; mais, en changeant de langue, je me suis vu changer de destinataire imaginaire (1996, p.15)⁶.

Ao se referir às dificuldades surgidas na tradução de seu texto escrito em francês para o búlgaro, Todorov confessa não se tratar de uma questão formal, de vocabulário ou de sintaxe. Adiante, ele revela a sensação de um duplo pertencimento que acabava por lhe fadar a um silêncio opressor: “Ma double appartenance ne produisait qu'un résultat: à mes yeux mêmes, elle frappait d'inauthenticité chacun qu'à la moitié de mon être, or j'étais bien double. Je m'enfermais de nouveau dans le silence oppressant”⁷. O dizer de ambos os autores, Revuz e Todorov, nos mostra que há na língua mais que estrutura. Tal fato se faz ver sobretudo na relação entre o sujeito e sentido, no momento da interpretação de qualquer materialidade simbólica.

O trabalho de María Teresa Celada (2007) intitulado *Língua materna/Língua estrangeira: um equívoco que provoca interpretação*, toma como objeto de

⁶ Eu escrevia aquilo sem hesitação. As dificuldades surgiram no momento no qual eu comecei a traduzir minha exposição, escrita originalmente na minha língua de empréstimo, o francês para o búlgaro, minha língua originária. Não era, na verdade, uma questão de vocabulário ou de sintaxe; mas, ao mudar de língua, me percebi modificando o destinatário imaginário. Tradução nossa.

⁷ Meu duplo pertencimento não produzia nada além de um único resultado: aos meus olhos ela partia de inautenticidade a cada metade de meu ser, ou, eu era bastante duplo. Eu me fechava novamente num silêncio opressor”. Tradução nossa.

investigação essa relação do sujeito entre-línguas e alerta para a importância de observar os vestígios deixados na materialidade significativa não como erros, mas como fatos de língua: “os fatos que interpretamos – que, no campo da Linguística Aplicada, é preciso lembrá-lo, são tratados como ‘erros’ – são da ordem da língua, pois dizem respeito à relação sujeito / língua.” (CELADA, 2007, p.365). Esse deslocamento da noção de erro para a de equívoco merece atenção na medida que nos remete a uma concepção de língua que não-coincide com aquela da Linguística estrutural, pois ao tomar o equívoco como elemento constitutivo do languageiro, toma-se também a autonomia do sistema linguístico não mais como absoluta, mas relativo. Dito de outro modo, a noção de equívoco implica pensar a língua como passível de jogo, pois implica pensá-la como não-toda.

Compartilhando dessa mesma perspectiva, a linguista Maria Onice Payer (2007), ao desenvolver sua pesquisa com imigrantes que tiveram sua língua materna silenciada por questões de ordem institucional, analisa o que entende como o batimento entre “a injunção a praticar uma língua X e a interdição para enunciar em outra língua Y” (2007, p. 338). A autora ressalta o caráter estruturante da língua materna para o sujeito de linguagem, e observa que apesar da tentativa de seu apagamento, ela se mantém presente, reverberando no dizer do sujeito. No caso do contato com uma língua estrangeira, quando o sujeito precisa se dizer em outra língua, é a língua materna que passa a ser interdita. O que a interlíngua deixa à mostra é precisamente a presença dessa língua que precisa ser silenciada, mas que dada sua relação constitutiva com o sujeito, permanece reverberando por meio de marcas costuradas na linearidade do dizer.

Há, ainda, no quadro dos estudos sobre ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras o predomínio de perspectivas teóricas que entendem a relação entre língua e sujeito como pertencendo a ordem instrumental. Contudo, com base na discussão desses autores que acabamos de apresentar, percebemos que a perspectiva discursiva distingue-se significativamente ao entender que a relação entre sujeito e língua estrangeira ultrapassa a questão da comunicação.

Com a palavras os sujeitos-aprendizes...

A tomada da palavra representa, portanto, o momento em que o sujeito é convocado a dar sentido ao universo simbólico. Se esse processo ocorre de forma

natural em sua primeira língua, dado o efeito de naturalização dos sentidos, essa outra materialidade significativa que se apresenta o convida a enfrentar o não-familiar, relegando-o a uma espécie de escuridão, na qual é preciso tatear cuidadosamente as possibilidades que lhe parecem plausíveis. A produção linguística desses aprendizes de uma língua estrangeira pode ser reveladora desse complexo processo.

Com base nisso, interessa-nos trazer alguns excertos de produções escritas e orais de alunos brasileiros aprendizes de língua inglesa. As três primeiras produções ocorreram durante aulas nas quais os alunos foram convidados a escrever sobre um tema previamente sugerido pelo professor. Os dois últimos são resultantes de uma produção oral realizada em um projeto de extensão ocorrido no primeiro semestre de 2010 em uma universidade do norte do Rio Grande do Sul. Essas produções que apresentamos a seguir foram gravadas e posteriormente transcritas para que pudessem ser aqui analisadas.

*Excerto (1) “In my **formature** I cried very during the music. I was very sensitive”. (Maria, 20 anos, acadêmica de Letras Inglês)*

Nesse primeiro excerto chama-nos a atenção a palavra *formature*. Analisando-o de acordo com o que postula Selinker, trata-se de uma estrutura fossilizável, a qual pode ser classificada como resultante do processo de transferência, pois tendo em vista que a língua materna de Maria é a língua portuguesa, é possível inferir que ao invés de dizer *graduation*, palavra que corresponde a *formatura* em inglês, ela realiza uma espécie de hibridização, mantendo o radical em português “format” e adicionando o sufixo “-ure”, que como sabemos, pertence a língua inglesa, sendo encontrado em palavras como *denture*, *pasture*. Contudo, poderíamos também interpretar essa hibridização, considerando que Maria relata um evento que lhe emociona, e desse modo, não pode evitar a irrupção de sua língua materna.

*Excerto (2) – “Then my friend decided to go!! In the Begin He was with any doubts he had fire to bother himself with the odd **language**. Then he came back to study English and his trouble was finishing”. (Ana, 21 anos, acadêmica de Letras- Inglês)*

Além de certas imprecisões presentes no excerto (2) se compararmos a norma padrão da língua inglesa, a construção “*language*” nos parece significativa de um processo de transferência, bastante similar ao que ocorre no excerto anterior. Em

inglês, *language* significa *língua* ou, ainda, *linguagem*. Percebemos novamente uma espécie de hibridização marcada na materialidade significante.

*Excerto (3) “My name is Priscila, **have 18 years old**, live in Campina do Simão, have a sister, my mother is Ana, my father is Antonio, do not live with her in function to work, and love my work. I am an Executive Secretary and love which I do”. (Priscila, 18 anos, acadêmica de Secretariado Executivo. Produção escrita)*

Nesse excerto observamos também uma transferência, pois, enquanto em português dizemos *Eu **tenho** 18 anos*, em inglês diz-se *I **am** 18 years old*, utilizando o verbo *to be* (ser, estar), o que de uma forma bastante literal poderia ser traduzido como *Eu sou 18 anos*. Desse modo, embora esteja escrito em inglês, a presença da língua portuguesa subjacente a construção é claramente perceptível. Há, ainda, a supressão dos pronomes sujeitos antes dos verbos *have*, *live*, *love*, como se pudessem ser recuperados pela flexão verbal, como ocorre em português. Contudo, segundo as normas dessa língua, o sujeito precisa estar explicitamente marcado antes do verbo, fato que parece ter escapado a Priscila no excerto em questão.

*Excerto (4) “Unfortunetly, few are the ones who **make to deserve** such status” (Pablo, 22 anos. Estudante universitário. Produção oral)*

O elemento que denuncia um não-pertencimento à língua-alvo nesse caso parece ser a expressão *make to deserve*, que poderia talvez ser traduzida como *fazer por merecer*, *ser digno de merecimento*. Conhecendo a língua materna de Pablo, o português, reconhecemos essa expressão no repertório da língua portuguesa, o que nos leva a reconhecer sua presença silenciosa nas entrelinhas do que foi escrito em inglês. Mais uma vez, tem-se o eco da língua materna ouvido de forma subliminar, atestando o trânsito do sujeito entre ambas as línguas.

*Excerto (5) “I think I need to travel to Italy, I need to travel to USA, but the **people não note** the in your in our country **have** many places interesting to visit”. (Daisy, 20 anos, estudante universitária. Produção oral).*

O quinto excerto apresenta duas marcas que nos interessam. Ao falar que as pessoas não notam que em seu país há lugares interessantes para se visitar, Daisy deixa escapar um “não” em língua portuguesa que funciona como um rasgo na tessitura da língua que ora fala, o inglês. A segunda marca, bastante recorrente na fala de aprendizes de inglês, é o uso do verbo *have* no lugar do verbo *haver*, que em inglês

seria *there is/are*. Como sabemos, em alguns registros de uso da língua portuguesa o verbo *ter* e *haver* podem ser usados como intercambiáveis, e, possivelmente é esse o saber que Daisy transfere para a língua-alvo, mesmo que tal fato não ocorra nesta língua.

Algumas considerações

Conforme discutimos ao longo deste trabalho, a noção de Interlíngua tal qual desenvolvida por Selinker aproxima-se de uma perspectiva psicológica-cognitivista, já que busca compreender o funcionamento da estrutura latente inata do aprendiz. Assim, o pesquisador baseia-se em um “sujeito ideal”, o qual, mediante condições ideais, poderia chegar a apresentar um desempenho linguístico idêntico ao de um falante nativo da língua-alvo.

Consideramos que essa noção, entendida como um sistema linguístico que estabelece relações tanto com a língua nativa do sujeito, quanto com a segunda língua, aquela que o sujeito está em processo de aprender, pode ser bastante produtiva para compreendermos de que maneira sujeito e língua se relacionam.

Assim, partindo do pressuposto de que o sujeito se constitui na e pela língua(gem), conforme mencionamos anteriormente, entendemos que o laço que se instaura entre sujeito e linguagem é de ordem indissolúvel. No caso de uma língua estrangeira, o que está em jogo é uma nova inscrição subjetiva, pois, o sujeito precisará convocar um novo universo de significantes para que os elementos simbólicos que lhe reclamam sentido podem ser significados. Nesse contexto, a língua não pode ser vista como um instrumento que poderia ser tomado pelo sujeito como se estivesse fora dele.

Pela ótica discursiva, entendemos que a língua é mais que estrutura. Se por um lado ela possui sua sistematicidade e regularidades, sua autonomia é relativa, isto é, existe nela algo que não se dá a conhecer mas que não cessa de produzir sentidos.

Assim, ao revistarmos a noção de *Interlíngua*, buscamos a um só tempo, promover um deslocamento da interpretação dessas marcas como simples “erro” para pensá-las como vestígios deixados pelo sujeito, os quais deflagram os movimentos do sujeito nesse espaço de trânsito entre duas línguas que o interpelam de forma distinta. É precisamente porque a língua não se limita a sua estrutura, que ela não pode apre(e)ndida de forma mecânica pelo sujeito. Uma língua é marcada por sua relação

com a história, e desse modo, possui discursividade própria, a qual inevitavelmente afeta o sujeito de modo distinto.

REFERÊNCIAS

CELADA, María Teresa. Língua materna / Língua estrangeira: um equívoco que provoca interpretação. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. O campo do signo. Volume 1. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. A trama enfática do sujeito. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

PAYER, Maria Onice. Entre a língua nacional e a língua materna. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Orlandi. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

SELINKER, Larry. **Interlanguage**. IRAL, vol. X/3. August, 1972.

TODOROV, Tzvetan. **L'homme dépaycé**. Paris: Éditions du seuil, 1996.

Como referenciar este artigo

PASSINI, Michele Teixeira. Que língua é essa? um olhar discursivo para a noção de interlíngua. **revista Linguagem**, São Carlos, v.29, n.1, p. 182-194, jul./dez. 2018. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 02/04/2016.

Aprovado em: 18/04/2018.